

RESGATE, VALORIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO POR MEIO DE SKETCHES

RESCUE, VALUATION, EDUCATION AND DOCUMENTATION OF HERITAGE THROUGH SKETCHES

RESCATE, VALORIZACIÓN, EDUCACIÓN Y DOCUMENTACIÓN DEL PATRIMONIO POR MEDIO DE SKETCHES

  Luana Miranda Esper Kallas
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil
luanakallas@ufg.br

  Juan Carlos Guillén-Salas
Grupo de Pesquisa LFDC, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
arq_jcguisal@yahoo.com

  Eliel Américo Santana da Silva
Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
americoeliel@gmail.com

Resumo

Desde a pré-história podemos identificar o desenho e a pintura como forma de representação e registro da história. Os desenhos e pinturas eram a única forma de capturar um momento da história, os costumes, a fauna e a flora de um lugar, como apresentado por diversos naturalistas pelo mundo. No Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX, alguns expoentes desses naturalistas, como Jean Baptiste Debre, William John Burchell, Johann Moritz Rugendas, entre outros representaram as cidades mais importantes do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e desbravaram selva, rios e chegaram às aldeias e cidades do interior do país, registrando épocas, documentando-os para o presente e futuro. Hoje, os desenhistas de rua contemporâneos representam as cidades e ao mesmo tempo se aproximam e/ou se reaproximam do patrimônio de suas cidades por meio de desenhos. De outro lado, muitas pessoas, devido à rotina cotidiana deixam de conhecer o patrimônio da cidade, o que faz a população esquecer sua história e esse esquecimento leva ao descuido de seu patrimônio. Nesse sentido, este estudo parte da hipótese de que os sketches são uma forma de resgate, valorização, como também de documentação do patrimônio arquitetônico e urbanístico contribuindo para a consciência de uma herança cultural e uma educação patrimonial. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é identificar se os sketches urbanos são uma forma de resgatar, valorizar e documentar o patrimônio arquitetônico e urbanístico e se contribuem para uma consciência da herança cultural, ou seja, a educação patrimonial. A metodologia aplicada foi o levantamento do referencial teórico acerca do patrimônio, documentação e valorização;

levantamento dos desenhos dos naturalistas do passado de Frans Post, José Joaquim Freire, Joaquim Jose Codina, Jean-Baptiste Debret e dos desenhistas de rua contemporâneos; um questionário aplicado para todo o Brasil, por meio do Google Forms, de forma remota e online, principalmente aos desenhistas de rua, sobre a temática do desenho e a valorização do patrimônio material e cultural; sistematização do questionário, apresentação dos resultados e discussão. Os resultados apresentaram que 102 dos 104 respondentes ao questionário acreditam que os desenhos ou sketches resgatam e valorizam o patrimônio material e cultural, arquitetônico e urbanístico. Dessa forma, o objetivo foi atendido e a hipótese comprovada, que os sketches são uma forma de resgatar, valorizar e documentar o patrimônio arquitetônico e urbanístico e, ao mesmo tempo, contribuem para a educação patrimonial.

Palavras-chave: Resgate. valorização. educação patrimonial. documentação. *sketches*.

Abstract

Since prehistory, we can identify drawing and painting as a form of representation and recording of history. Drawings and paintings were the only way to capture a moment in history, customs, fauna and flora of a place, as presented by several naturalists around the world. In Brazil in the 17th, 18th and 19th centuries, some exponents of these naturalists, such as Jean Baptiste Debre, William John Burchell, Johann Moritz Rugendas, among others represented the most important cities in Brazil, such as Rio de Janeiro, São Paulo and explored the jungle, rivers and reached villages and towns in the interior, recording times, documenting them for the present and future. Today, contemporary street designers represent cities and at the same time they approach and / or reconnect with the heritage of their cities through drawings. On the other hand, many people, due to their daily routine, fail to know the city's heritage, which makes the population forget its history and this forgetfulness leads to the neglect of its heritage. In this sense, this study starts from the hypothesis that sketches are a form of rescue, valorization, as well as documentation of architectural and urban heritage, contributing to the awareness of a cultural heritage and heritage education. In this sense, the general objective of this work is to identify if urban sketches are a way of rescuing, valuing and documenting architectural and urban heritage and if they contribute to heritage education. The applied methodology was the survey of the theoretical framework about the patrimony, documentation and valuation; survey of the drawings' naturalists from the past, of Frans Post, José Joaquim Freire, Joaquim Jose Codina, Jean-Baptiste Debret and the sketches of contemporary street designers; a questionnaire applied to all of Brazil, through Google Forms, remotely and online, mainly to street designers, on the theme of design and the appreciation of material and cultural heritage; systematization of the questionnaire, presentation of results and discussion. The results showed that 102 of the 104 respondents to the questionnaire believe that the drawings or sketches rescue and value the material and cultural, architectural and urban heritage. Thus, the objective was met and the hypothesis proved, that sketches are a way of rescuing, valuing and documenting architectural and urban heritage, contributing to heritage education.

Keywords: Rescue. valorization. heritage education. documentation. *sketches*.

Resumen

Desde Desde la prehistoria, podemos identificar el dibujo y la pintura como una forma de representación y registro de la historia. Los dibujos y pinturas eran la única forma de capturar un momento en la historia, costumbres, fauna y flora de un lugar, presentado por varios naturalistas de todo el mundo. En Brasil en los siglos XVII, XVIII y XIX, algunos exponentes de esos naturalistas, como Jean Baptiste Debre, William John Burchell, Johann Moritz Rugendas, entre otros representaron las ciudades más importantes de Brasil, como Río de Janeiro, São Paulo y exploró la selva, los ríos y llegó a pueblos y ciudades del

interior del país, registrando tiempos, documentándolos para el presente y el futuro. Hoy, diseñadores urbanos contemporáneos representan ciudades y al mismo tiempo se acercan y / o reconectan con el patrimonio de sus ciudades por medio del dibujo. Por otro lado, muchas personas, debido a su rutina diaria, desconocen el patrimonio de la ciudad, lo que hace que la población olvide su historia y este olvido lleva al descuido de su patrimonio. En este sentido, este estudio parte de la hipótesis de que los bocetos son una forma de rescate, valorización, así como documentación del patrimonio arquitectónico y urbano, contribuyendo a la conciencia de un herencia cultural y de educación patrimonial. En ese sentido, el objetivo general de este trabajo es identificar si los bocetos urbanos son una forma de rescatar, valorar y documentar el patrimonio arquitectónico y urbano y si contribuyen a la conciencia del patrimonio cultural, es decir, la educación patrimonial. La metodología aplicada fue el levantamiento del marco teórico sobre el patrimonio, documentación y valoración; estudio de dibujos de los naturalistas del pasado de Frans Post, José Joaquim Freire, Joaquim Jose Codina, Jean-Baptiste Debret y de diseñadores urbanos contemporáneos; un cuestionario aplicado a todos o Brasil, por medio de Google Forms, de forma remota y online, principalmente a diseñadores de calle, sobre el tema del diseño y la valoración del patrimonio material y cultural; sistematización del cuestionario, presentación de resultados y discusión. Los resultados mostraron que 102 de los 104 encuestados creen que los dibujos o bocetos rescatan y valoran el patrimonio material y cultural, arquitectónico y urbano. Así, se alcanzó el objetivo y se comprobó la hipótesis de que los bocetos son una forma de rescatar, valorar y documentar el patrimonio arquitectónico y urbano, y que al mismo tiempo, contribuyen a la educación patrimonial.

Palavras-clave: Rescate. valorización. educação patrimonial. documentação. sketches.

Introdução

O patrimônio arquitetônico e urbanístico, dia após dia, sofre com falta de financiamento, incêndios, alterações da legislação urbana. O patrimônio continuamente está suscetível a sua desintegração. A noite do dia 2 de setembro de 2018, o Brasil assistiu a uma das maiores perdas de seu patrimônio arquitetônico, histórico e cultural, com o incêndio no Museu Nacional. Os brasileiros perderam boa parte de sua história, assim como o mundo perdia também parte da história da humanidade, como a ossada mais antiga da América do Sul já encontrada, a Luzia.

O patrimônio brasileiro é cultural, de acordo com o Artº 216 da Constituição Federal de 1988, sendo

[...] bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

[...]

(BRASIL, 1988)

De acordo com IPHAN (S/D) esse conceito apresentado em 1988 foi ampliado em relação ao decreto-lei nº 25, 30/11/1937, sendo substituído “a nomeação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro”.

E com essa alteração e conceituação é que este trabalho introduz seu objeto de pesquisa e define o recorte temático. As “criações artísticas”, no “ontem” e no “hoje”, e os “conjuntos urbanos e sítios de valor” diverso, conforme preceitua Brasil (1988) em seu Artº 216 como uma forma de resgatar e valorizar o patrimônio cultural, arquitetônico e urbanístico. É interessante notar, que a Carta Magna propõe em seu

Artº 216, parágrafo 3º “[...] incentivos para a produção e conhecimento de bens e valores” que se pode referir ao resgate e valorização do patrimônio cultural.

Nesse sentido, incluem-se os desenhos, ora chamado de *sketches*¹ (termo do tempo atual), como uma “criação artística” que dão identidade e memória à sociedade.

Ao se referir as produções dos desenhistas do passado, como Jean Baptiste Debret, William John Burchell, Carlos Guilherme Von themin e Richard Bate, entre outros, que registravam cenas brasileiras de uma época passada, e que possibilitaram a memória da sociedade dos séculos XVII a XIX, de várias cidades brasileiras, sendo a mais representada, Rio de Janeiro. Já ao se referir aos desenhistas contemporâneos que resgatam e valorizam o patrimônio, além de permitir registros, documentações de cenas urbanas para a posteridade, a diferença é que hoje, no Brasil, passam de 9 mil pessoas² que podem praticar esses registros, enquanto que no passado, os praticantes dessas artes eram escassos e cientistas de renome.

5

Dessa forma busca responder ao problema se o desenho de observação na rua é uma forma de valorizar, resgatar o patrimônio?

Nesse sentido, a hipótese desse trabalho, é que os *sketches* são uma forma de resgate, valorização, como também de documentação do patrimônio arquitetônico e urbanístico contribuindo para a consciência de uma herança cultural e uma educação patrimonial.

Sendo o objeto de estudo os desenhos e pinturas de registros históricos de cientistas de renome como Frans Post, José Joaquim Freire, Joaquim Jose Codina, Jean-Baptiste Debret e os desenhos e pinturas contemporâneos. Dessa forma, o

1 *Sketches* ou *sketches* urbanos é um termo utilizado para designar desenhos urbanos, em tradução livre do inglês significa esboços. Esse termo é bastante utilizado para se referir aos desenhos urbanos praticados mundialmente por desenhistas membros do Movimento *Urban Sketchers-group* (na rede social Facebook já são 69.858 membros até o dia 24/07/2020). Os autores desse artigo são representantes do capítulo *Urban Sketchers* Brasília/DF.

2 Considera-se aqui a presença de 9.300 membros no grupo de desenhos urbanos no *Urban Sketchers* Brasil até o dia 24/07/2020. Não necessariamente os 9.300 membros desenhavam, em alguns casos são pessoas que gostam e apreciam os desenhos expostos nas redes sociais, no entanto não desenhavam, mas para esta pesquisa se considerará esse universo como se todos desenhassem.

objetivo geral deste trabalho é identificar se os sketches urbanos são uma forma de resgatar, valorizar e documentar o patrimônio arquitetônico e urbanístico e se contribuem para uma consciência da herança cultural, ou seja, a educação patrimonial.

Para se alcançar o objetivo geral deste trabalho e verificar a hipótese e a metodologia utilizada foi realizado o:

- Levantamento do referencial teórico sobre a temática do patrimônio, documentação e valorização. Esse procedimento visa a formulação das perguntas e sua posterior confrontação com as respostas obtidas.
- Levantamento de registros de desenhos e pinturas que retratem o objeto de estudo. Esse procedimento visa a identificação do objetivo, se é possível identificar por meio dos desenhos e pinturas da antiguidade ou da atualidade se resgatam, valorizam e documentam o patrimônio arquitetônico e urbanístico e se contribuem para uma consciência da herança cultural, ou seja, a educação patrimonial.
- Elaboração, aplicação e sistematização de questionário pelo Google Forms, sem identificação do respondente. Esse procedimento visa a partir do referencial teórico abordado confrontar com as respostas obtidas para então verificar se o objetivo geral foi atendido.
- Apresentação dos resultados, discussão, conclusões e considerações finais identificando se o objetivo foi alcançado, verificação da hipótese e proposição de algumas recomendações para resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio dos sketches.

Referencial teórico

Patrimônio Histórico e Cultural

Quando o serviço de patrimônio se estabeleceu no Brasil, em 1937, foi introduzido como um dos serviços relativos à educação, justamente com a criação do

antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), e hoje, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

FGV-CPDOC (s/d) esclarece que

Os chamados patrimônios históricos e artísticos têm nas modernas sociedades a função de representar simbolicamente a identidade e a memória da nação. O pertencimento a uma comunidade nacional é produzido com a idéia de propriedade (daí a palavra “patrimônio”) sobre um conjunto de bens: relíquias, monumentos, cidades históricas entre outros. (sic)

Essa acepção brasileira está bastante associada à *heritage*, palavra inglesa sinônimo de patrimônio e que na França levou quase um século para associar aos monumentos históricos.

Como esclarece Choay (2011, p.11; 27), a acepção original de patrimônio, na língua francesa, é um ‘bem de herança’ que passa de seus pais para os filhos, já na língua inglesa patrimônio é sinônimo de *heritage*³, “[...] de respeito devido ao passado e de valor axiológico [...]”. Choay, ainda esclarece que somente na década de 1960 patrimônio é utilizado para designar monumentos históricos na França.

E com a Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural ocorrida em 1972 é que se define patrimônio cultural e natural, sendo:

[...]património cultural:

Os monumentos. – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

3 Palavra inglesa que significa herança.

[...]patrimônio natural:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural.

(Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, 1972, sic)

O que se vê acima é a definição convencionada e bem detalhada sobre o que é patrimônio, nesse caso, cultural e natural. Mas o que realmente vem a ser patrimônio histórico e cultural?

Os autores têm apontado quatro aspectos sobre o patrimônio histórico e cultural ao longo do tempo. Esses aspectos foram relacionados à questão de herança cultural de bens, argumento para a proteção desses bens, tipos dos bens e valor simbólico e, usufruto dos bens pela comunidade.

Em relação à questão de herança cultural de bens: Mendes (2012, p.11) assinalou que a palavra “patrimônio” vem da palavra latina “*patrimonium*” (derivada de *pater*, pai) e que nesse sentido, a palavra “patrimônio” faz referência aos “bens pertencentes ao *paterfamilias* e por este transmitidos a seus sucessores”. SENADO FEDERAL (2014, p.9) assinalou que o “patrimônio” no artigo 216 da Constituição do Brasil é definido como [...] conjunto de bens “material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4) concordam em assinalar que o “patrimônio” é um bem que recebemos como presente do passado.

Em relação ao argumento inicialmente utilizado para a proteção dos bens herdados do passado: José Pessoa (citado por Rubino, 2002, p.13) assinalou que Lúcio Costa no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) utilizava o interesse artístico como argumento para proteger o bem que se encontrava em iminente ameaça.

Em relação aos tipos dos bens e seu valor simbólico: John (2012, p.320) assinalou que o “patrimônio” é constituído por bens materiais e imateriais impregnados de um valor simbólico para a comunidade que representa.

Em relação ao usufruto dos bens pela comunidade: Choay (citada por TOMAZ, 2010, p.3) assinalou que o “patrimônio” é um bem destinado ao usufruto de uma comunidade.

Assim, sendo que os autores têm apontado o caráter de herança cultural de bens, que inicialmente o argumento utilizado para a proteção dos bens era só o interesse artístico, que os bens herdados têm valor simbólico e podem ser materiais ou imateriais e, que os bens devem ser destinados ao usufruto de uma comunidade; neste artigo, o Patrimônio Histórico e Cultural será entendido como os bens materiais e imateriais que são herdados do passado, que têm um valor simbólico pelo que representam e, que devem ser usufruídos pela comunidade.

Documentação

Os autores assinalam que a documentação é um conjunto de técnicas e tecnologias para capturar, processar, indexar, armazenar e publicar algum assunto. A qual pode ser realizada em duas formas: real e aparente. E que seu objetivo é o ensino, informação, promoção e proteção.

Autores como Amorim e Chudak apontam a documentação como um conjunto de técnicas e tecnologias para registrar e divulgar um bem de herança cultural. Amorim e Chudak (2005, p.1) assinalaram que a “documentação de edificações, conjuntos arquitetônicos, centros históricos de cidades” eram croqui com medição direta,

levantamento topográfico, restituição fotogramétrica de fotografias aéreas ou terrestres ou fotogrametria Digital. Amorim (2010, p.10) assinalou que a documentação é um conjunto de tecnologias e ferramentas para capturar, processar, indexar, armazenar e publicar ou divulgar algum assunto.

Oliveira apontou que a documentação podia ser realizada de forma real e de forma aparente. Oliveira (2008, p.29) assinalou que a representação iconográfica do levantamento como documentação das edificações pode ser realizada de duas maneiras básicas: a real e a aparente. Na real, a representação é realizada em escala, com medidas exatas e com projeções ortogonais. Na aparente, a representação é realizada utilizando perspectivas exatas ou de observação.

Buckland apontou que o da documentação é uma ferramenta para o ensino e informação de um bem. Buckland (citado por GRIGOLETO, 2009, p.93) assinalou que a documentação é uma ferramenta para ensino e informação de algum assunto, desde que seja comunicado.

10

O SENADO FEDERAL indicou que a documentação de um bem tem também como objetivo a promoção e proteção desse bem. SENADO FEDERAL (2014, p.9) no artigo 216, inciso V, parágrafo 1, assinala que o “Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”.

Assim, sendo que os autores indicam que a documentação é um conjunto de técnicas e tecnologias para registrar um bem de herança cultural, que esse registro pode ser realizado de uma forma real e de uma forma aparente, que o objetivo é o ensino, informação, promoção e proteção dos bens de herança cultural; neste artigo, a documentação patrimonial será entendida como um conjunto de técnicas e tecnologias que permitem o registro de bens de herança cultural, a qual pode ser realizada em forma real ou aparente, tendo como objetivo o ensino, informação, promoção e proteção desses bens.

Valorização

Os autores apresentam um conjunto de valores, baseados no histórico, memória, antiguidade, cognitivo, econômico e artístico. E o objetivo estabelecer os critérios para a conservação e a preservação dos monumentos baseado em qual valor adotar, visto que os valores são relativos a uma determinada época.

Choay aponta que os valores são baseados em termos de patrimônio, noção contemporânea e que são legitimados pelo valor nacional. Já Riegl, apresenta a sua teoria de valores baseada, como Choay especifica, em termos de monumento histórico, noção que dominou o século XIX e metade do século XX.

Riegl apresenta seu conjunto de valores, baseado no valor histórico, ou seja, no passado e que na visão dele é o mais abrangente; o valor de arte, estabelecido de forma subjetiva e baseado em um cânone de referência; o valor de memória se depreende pelos monumentos volúveis (assim como concedido pelo criador) e os não volúveis (modificados/restituídos pelas pessoas da atualidade); e por fim, o valor de antiguidade, que apresentam vestígios da ação do tempo sobre o monumento.

No entanto, para uma melhor compreensão da visão de Riegl sobre valores é necessário conhecer alguns termos que se relacionam com valores, como monumento e obra de arte. Nesse sentido, o termo “Monumento (*Denkmal*) é a composição de arte ou escrita (documento), ‘criada pela mão do homem’ e que presentifica na consciência das gerações posteriores um evento ou pessoa.” (RIEGL, 2014, p.24)

De acordo com Riegl (2014, p.31-32), o monumento pode ser de arte ou de escrita. O autor ainda aponta que a “obra de arte é toda criação humana tangível, visível ou audível, que apresenta valor de arte; sendo monumento histórico toda obra de constituição análoga que possui valor histórico.” E nesse caso, o autor exclui os audíveis, por se enquadrarem em monumentos escritos e referencia somente as “obras tangíveis e visíveis das artes plásticas”.

Riegl (2014, p.32) apresenta primeiramente o valor histórico por ser mais abrangente e refere-se a histórico “tudo o que foi e não é mais nos dias de hoje” e que modernamente poderia agregar a isso

[...] de que aquilo que foi não poderá voltar a ser nunca mais e tudo o que foi forma o elo insubstituível e irremovível de uma corrente de evolução ou, em outras palavras, tudo que tem uma sequência, supõe um antecedente e não poderia ter acontecido da forma como aconteceu se não tivesse sido antecedido por aquele elo anterior. (RIEGL, 2014, p.32)

Nesse sentido, o autor destaca que diante da evolução e da imensidão de acontecimentos das atividades humanas que restaram testemunhos e devido a “quantidade que aumenta ao infinito a cada instante” é necessário se ater apenas aos testemunhos mais evidentes e que representam aquela atividade humana. (RIEGL, 2014, p.32)

Para Riegl, o testemunho poder ser de duas formas: um monumento escrito e um monumento de arte e se diferem pela forma que são percebidos, sendo o segundo, mas rápido. Ainda destaca que todo monumento de arte também é um monumento histórico, e vice-versa. Nesse caso, para o autor, a arte é vista somente na visão histórica, pois “o monumento é para nós um elo indispensável da corrente evolutiva da história da arte.” E sendo, “ ‘o monumento de arte [...] um ‘monumento histórico-artístico’, assim, ele não possui ‘valor de arte’, mas ‘valor histórico’.” (RIEGL, 2014, p.33)

Sobre o valor de arte é quase subjetivo, uma vez que varia segundo “a visão adotada”, pois se o valor de arte se referir a mais antiga, que tratava de estabelecer um cânone de referência ou se é a mais moderna, que atende, segundo Riegl (2014, p.35), “às exigências do querer moderno da arte, exigências essas que não foram formuladas claramente e que, a rigor, nunca o serão, pois mudam constantemente de sujeito para sujeito e de momento para momento.”

Essas diferenças quanto ao valor de arte é imprescindível parafraseando Riegl (2014, p.35), pois se o valor de arte muda, ou seja, é “relativo”, a preservação

do monumento pode sofrer interferência, deixando de ser um valor de memória e passando a ser um valor de atualidade.

Reconhecendo que essa concepção da essência do valor da arte se impôs de forma inexorável nos últimos tempos como resultado final de toda a imensa atividade de pesquisa de história da arte do século XIX, não se poderá falar mais no futuro de “monumentos históricos e de arte”, mas somente de “monumentos históricos” e será nesse sentido que esse termo deverá ser empregado daqui para frente. (RIEGL, 2014, p.36)

O valor de memória, como descreve Riegl (2014, p.36) pode ser de duas formas: quando “nos é outorgado pelo autor”, se refere ao monumento volível, e o segundo, quando “ele é atribuído por nós”, se refere ao monumento não volível. “Em ambos os casos, a obra nos interessa em sua forma original”, mas a diferença está que a primeira, não possui alterações; já a segunda, passou por alterações, como tentativas de reconstituição.

13

Segundo o autor há um novo valor de memória, com um “significado profundo” é o valor de antiguidade. Para Riegl (2014, p.38) o valor de antiguidade é assinalado quando é no monumento que se vê o registro do tempo provocado pela natureza em que o observador contemporâneo consegue perceber, mas essa percepção é de um sentimento puro e não de um conhecimento específico adquirido sobre o tema, e que se expande a todas as pessoas, sem distinção de sua formação, mas de forma individual, subjetiva. Além, disso, como acredita Riegl (2014, p. 48) que o valor de antiguidade é retratado nos edifícios por suas marcas devido a “[...] influência do tempo, pátina -, do desgaste” e que isso evoca a noção de antiguidade.

Nesse sentido, Riegl (2014, p.38) especifica que o “culto moderno dos monumentos” vai além da “preservação dos ‘monumentos históricos’” e que os “‘monumentos volíveis’ estão contidos sem exceção nos ‘monumentos históricos não volíveis’, todos os monumentos históricos serão encontrados nos monumentos antigos.”

As três classes de monumentos distinguem-se pela crescente ampliação da medida pela qual o valor de memória consegue alcançar validade.

Na classe dos monumentos volúveis, encontram-se somente aquelas obras que, pelo desejo dos seus criadores, deveriam lembrar um determinado momento (ou vários momentos) do passado. Na classe dos monumentos históricos, expande-se o círculo com a inclusão das obras que indicam um determinado momento, mas cuja escolha foi resultado da nossa vontade subjetiva. Na classe dos monumentos da antiguidade, contam-se, enfim, todas as obras feitas pela mão do homem, sem levar em consideração o seu significado original e sua destinação, desde que o seu aspecto externo revele com suficiente evidência que a obra existe por longo espaço de tempo antes da época presente e que conseguiu “sobreviver”. Assim, as três classes aparecem como três estágios sucessivos de um processo crescente de generalização do conceito de monumento. (RIEGL, 2014, p.38-39)

O valor histórico é um valor individual e que na escala evolutiva do tempo, passa a ter um valor de antiguidade, onde fica clara a afirmação de Riegl (2014, p.44) “sem o valor histórico, o valor de antiguidade não teria nascido. Se o século XIX foi o século do valor histórico, o século XX parece ser o do valor de antiguidade.”

14

Já para Choay (1999, p.119) existe três tipos de valores que foram legitimados pelo valor nacional, que são: o valor cognitivo, o valor econômico e o valor artístico, nesta ordem.

Para a autora, o valor cognitivo está relacionado ao saber, e que embora o monumento⁴ não tenha o valor do saber ele é a própria comprovação da história, o que possibilita outros saberes, além disso, o monumento introduz , segundo Choay (1999, p. 120) “uma pedagogia geral do civismo”.

Sobre o valor econômico dos monumentos históricos são os que nas palavras de Choay (1999, p.120, sic) o “[...] interesse do património monumental como forma de atrair os visitantes estrangeiros [...]” e que gera um retorno financeiro do monumento ao local pertencente.

4 De acordo com Choay (1999, p.17) O sentido geral do termo monumento “é o do latim *monumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória”.

E por último, Choay (1999, p.120) coloca “o valor artístico do patrimônio monumental [...]” e considera a época em que “[...] o conceito de arte permanece impreciso e em que a noção de estética acabou de aparecer.” e que na Instrução de como inventariar⁵ ao se referir as obras de arte destaca, unicamente, a “[...] função pedagógica para a formação dos artistas.”

Assim, os autores baseado em um conjunto de valores que tem como objetivo estabelecer os critérios para a conservação e a preservação dos monumentos baseado em qual valor adotar; neste artigo, os valores abordados serão adotados referente à patrimônio, e, portanto, baseado nos quatro valores de Choay, considerando o valor nacional, como mais amplo.

Documentação e valor por meio dos sketches

Os desenhos dos naturalistas do passado

O desenho foi o meio de registro mais antigo da humanidade e demonstra a mais antiga forma de comunicação.

As pinturas rupestres como as encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara⁶, em São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil, demonstram variação de desenhos durante muitos milênios, como forma de registros dos homens primitivos, que por ali passaram, e que registravam (ver Figura 1), de acordo com Pessis, Cisneiros e Mutzenberg:

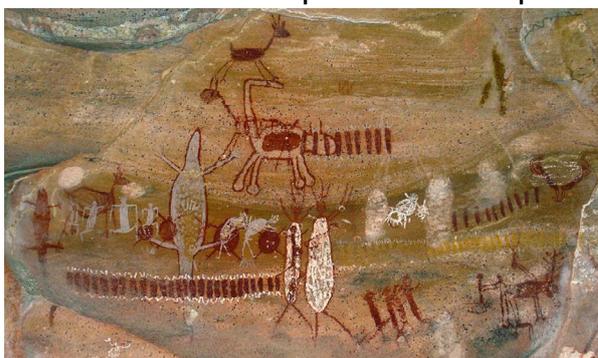
São numerosas as composições de grafismos com os vértices arredondados que configuram cenas com temas dinâmicos de dança, de saltos, de roda em volta de uma árvore, de rituais cerimoniais, de coleta de mel, de cópula e de caça. (PESSIS; CISNEIROS; MUTZENBERG, 2018, p.45)

5 Tradução de *Instruction sur la manière de inventorier*, material citado por Choay (1999).

6 Considerado Patrimônio Cultural da Humanidade, desde 1991, pela UNESCO.

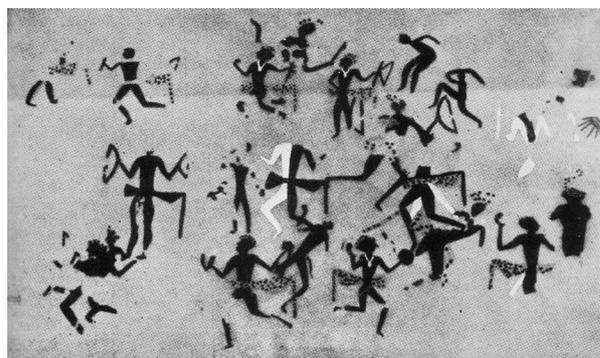
Do outro lado do mundo, em Çatalhüyük (Turquia), também foram encontrados diversos desenhos e “cenas da vida” de aproximadamente 6.000aC. Os registros, na parede, representam um mapa da cidade, incluindo os elementos morfológicos de seu entorno, o registro de dançarinos com pele de leopardo, entre outras imagens (ver Figura 2).

Figura 1 - Pinturas rupestres Boqueirão do Sítio da Pedra Furada - Circuito do Sítio do Meio localizado na parte Sul do Parque.



Fonte: Boqueirão, 2020.

Figura 2 - Dançarinos com pele de leopardo. Imagem datada em 6.000aC.



Fonte: Dançarinos, 2020.

16

Milênios depois, na Grécia, Platão, Villanova (s/d, p. 41) afirma que “[...] defendeu a inutilidade da arte,[...]” mas que o desenho é desígnio, e portanto, intenção. E como intenção, assim como documentado nos desenhos mais antigos da história da humanidade, o desenho era a intenção de um registro.

Já na Roma antiga, Plínio, o Velho, 23 - 79 d.C (PLINY, 1855) historiador, naturalista e oficial romano, em seu livro História Natural, apresentou uma série de elementos da natureza e também descreveu sobre a pintura, onde ele explicita que essa arte que já fora ilustre e que infelizmente em sua época passou a ser completamente banida em favor do mármore e do ouro.

Em um salto histórico, no Sec. XVI alguns naturalistas viajantes sempre associados às viagens exploratórias de navegantes passaram a registrar por meio de desenhos e pinturas as descobertas da fauna, flora, da arquitetura e dos costumes, hábitos de povos, povoados e cidades.

Nesse período, a figura de José de Acosta (Padre Acosta), um padre espanhol que inicialmente viajou ao Peru, retratou várias cenas por meio de seus desenhos, ele

registrou, também, a fauna e a flora, onde fora publicado no livro intitulado “A História natural e moral das Índias”.

Muitos outros viajantes, naturalistas, paisagistas e botânicos passam pela América Latina, e principalmente, pelo Brasil. Dos Séculos XVII, XVIII e XIX existem um rico acervo de desenhos, principalmente, do Rio de Janeiro, e das viagens exploratórias ao Brasil profundo. Mas o ponto de partida é sempre o Rio de Janeiro, é como diz o poeta,

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela
A Baía de Guanabara
O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela
E eu, menos a conhecera, mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela

(Estrangeiro – Caetano Veloso)

17

Ao caminhar pelos centros urbanos de antigas cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, algo parece ativar a memória, percebe-se que algumas cenas já foram vistas em algum lugar. Talvez em imagens apresentadas na escola, de um tempo de infância em que a professora de história mostrava gravuras do Brasil de séculos passados. Escravos, aristocratas, homens brancos pobres e muitas vezes panoramas urbanos em que todas essas expressões e corpos estavam registrados.

Quem sabe todas essas cenas de cidades antigas na contemporaneidade guarde um resquício do Brasil registrado por Frans Post (1637), Alexandre Rodrigues Ferreira, Joaquim José Codina e José Joaquim Freire (1783-1792), Jean Baptiste Debret (1817), entre muitas outras figuras presentes no Brasil. Assim, é importante apresentar esses períodos por alguns desses autores, a fim de mostrar a documentação realizada no Brasil em cada época e que possibilitou uma identificação dos costumes, modos de vida, arquitetura e das cidades por onde passaram.

No Século XVII, de acordo com Enciclopédia (2020), o holandês Fran Post, pintor, paisagista, desenhista e gravador vem ao Brasil em comitiva, em 1637, durante o governo-geral do Brasil Holandês, comandado pelo Conde Maurício de Nassau, e “fica encarregado de documentar a topografia, a arquitetura militar e civil, cenas de batalhas navais e terrestres”.

Como pode ser visto nas figuras 3, 4, 5 e 6 onde são apresentados desenhos e pinturas que documentam uma passagem da história, importantes passagens do momento histórico, em que Maurício de Nassau governou o Brasil holandês. Essas figuras apresentam as tipologias edilícias daquela época e sua relação com os seus viventes, alguns costumes e a criação de animais. Além dos engenhos de açúcar em plena atividade, dependentes dos escravos e de carros de bois para o carregamento da cana-de-açúcar.

Figura 3 -Igreja de São Cosme e São Damião em Igarauçu , meados do século 17 , Frans Post.



Fonte: Igreja , 2020.

Figura 4 - Engenho de Açúcar, Frans Post. Imagem datada em 6.000aC.



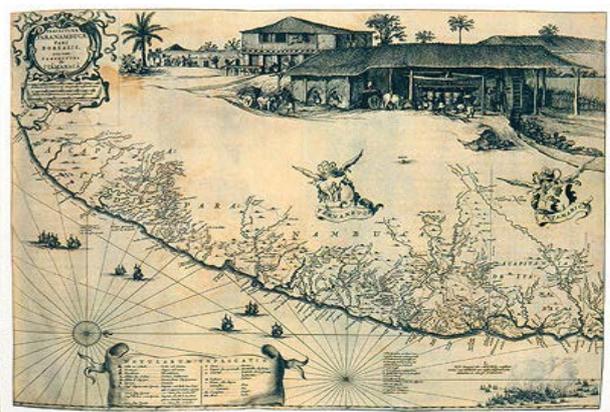
Fonte: Engenho, 2020.

Figura 5 -Gravura de Serinhaém, Frans Post.



Fonte: Serinhaém, 2020.

Figura 6 - Recife e Itamaracá, Frans Post.

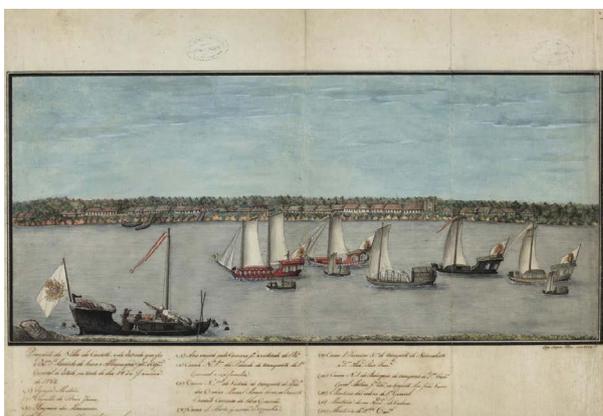


Fonte: Recife, 2020.

Já no Século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira juntamente com Joaquim José Codina e José Joaquim Freire fizeram uma expedição à Capitania do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, retratando a fauna, entre os anos de 1783 a 1792 (BNdigital, 2020). As Figuras 7, 8 e 9, a seguir são de autoria de Joaquim José Codina e José Joaquim Freire durante a expedição de Alexandre Rodrigues, que documentam cenas da expedição, de aldeias e de embarcações. É um resgate da memória do Brasil, documentos por meio de desenhos.

Figura 7 - Prospecto da Villa do Camotá, e da entrada que fez o Exmo. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, governador e capitão general do Estado, na tarde do dia 19 de janeiro de 1784.

Figura 8 - Prospecto da Cachoeira do Rio Ixié, o qual desago no Rio Negro. Autor: Joaquim José Codina.



Fonte: Prospecto da villa, 2020.



Fonte: Prospecto da cachoeira, 2020.

Figura 9 - Prospecto do novo Lugar das Caldas (a), estabelecido na margem oriental, e no principio da primeira cachoeira do Rio Cauaburys, pelo tenente Marcelino Joseph Cordeiro, com mandante da Fortaleza de S.Gabriel: por ordem imediata do Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, em carta de 27 de julho 1781; não tendo o governador de funto executado até então a primeira ordem, de 17 de dezembro 1773, ao mesmo respeito. Autor: Joaquim José Codina.



Fonte: Prospecto do novo, 2020.

Na Figura 7 além de registrar a entrada do governador general do Estado do Grão-Pará na Villa de Camotá, também registrou as edificações existentes e suas tipologias na margem oposta ao observador da imagem, como informado pela BNDigital, sendo esse o próprio o autor da pintura que se autorretratou na embarcação no canto inferior esquerdo da pintura.

Na figura 8, o prospecto documenta o encontro de dois rios e suas margens não habitadas enquanto que na Figura 9 registra a margem do Rio Cauaburi, onde em uma de suas margens foram documentas as tipologias habitacionais ali existentes⁷.

Da mesma forma, têm-se alguns registros do Brasil em seu período de crescimento e expansão das cidades, no Séc. XVIII e XIX, documentados por grandes paisagistas botânicos, como Jean Baptiste Debret, William John Burchell, Carlos Guilherme Von theremen e Richard Bate, entre outros, que atuaram nas demais partes da América Latina, como Alexander Von Humbolt.

20

Jean Baptiste Debret integrante da missão francesa chegada em 1816, fundador de uma academia de Artes e Ofícios, mais tarde Academia Imperial de Belas Artes. De volta à França em 1831 publicou Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839), que documentou aspectos da natureza, do homem e da sociedade brasileira do início do século XIX (Figura 10, 11, 12 e 13). De acordo com Jean-Baptiste (ENCICLOPÉDIA, 2020), o pintor

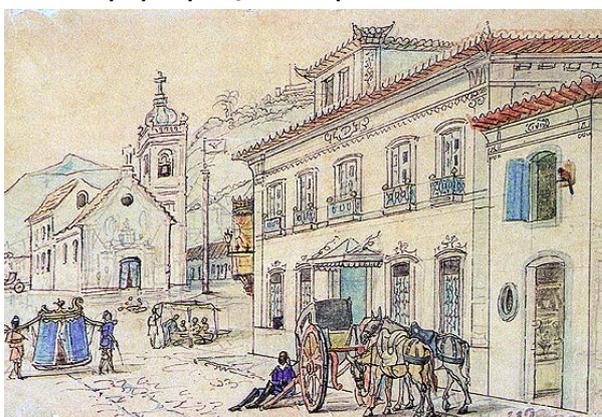
Apresenta muitos aspectos relacionados ao trabalho escravo, ora acentuando o lado mais expansivo das relações sociais, ora expondo serviços extenuantes, como os de carregadores e trabalhadores das moendas. Mostra o trabalho dos negros de ganho que percorrem as ruas da cidade, prestando vários tipos de serviços. (ENCICLOPÉDIA, 2020)

Quinze anos foi o tempo que o pintor francês morou em terras brasileiras, esse longo tempo se comparado a outros naturalistas e artistas como Johann Moritz

⁷ Em uma busca, no Google Street View, pelas localidades especificadas nas Figuras 7, 8 e 9 não foi possível identificar nenhum desses lugares na atualidade para visualizar se houve mudança da paisagem, e que tipo de mudança ocorreu.

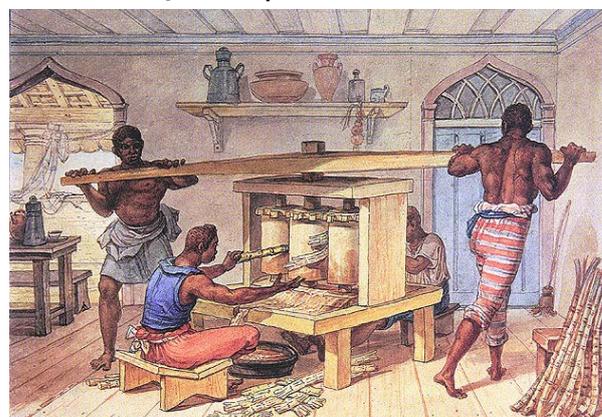
Rugendas, Guilherme Thoremim, Richard Bates, Antônio Landi, William John Burchell e outros, o qualificaram, segundo Naves (1996), como um dos naturalistas que melhor se deu “conta do que havia de postiço e enganoso em simplesmente aplicar um sistema formal preestabelecido – o neoclassicismo, por exemplo – à representação da realidade brasileira”. Desta forma, Debret não pode ser considerado como um mero retratista das particularidades das terras brasileiras.

Figura 10 - Casario no Rio de Janeiro entre os anos de 1816 a 1831, feito em aquarela sobre papel por Jean Baptiste Debret.



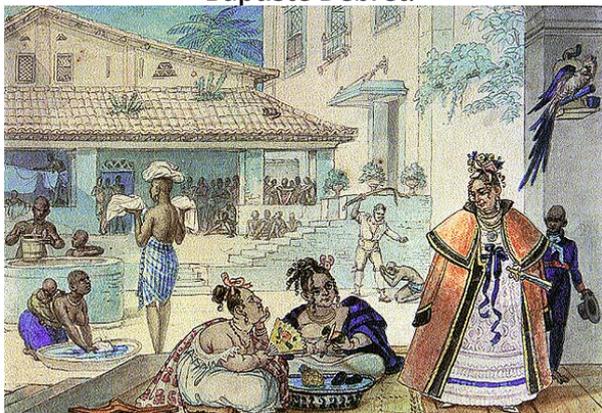
Fonte: Casario, 2020.

Figura 11 - Engenho Manual que Faz Caldo de Cana, 1822, feito em aquarela sobre papel por Jean Baptiste Debret.



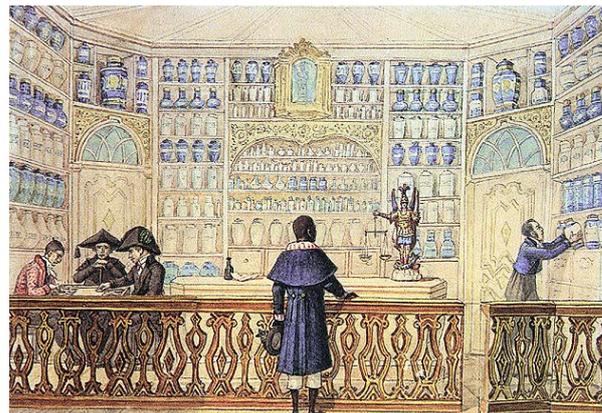
Fonte: Engenho manual, 2020.

Figura 12 - Interior de uma cada de ciganos, 1823, feito em aquarela sobre papel por Jean Baptiste Debret.



Fonte: Interior, 2020.

Figura 13 - Botica, 1823, feito em aquarela sobre papel por Jean Baptiste Debret.



Fonte: Botica, 2020.

Por ausência de um tempo necessário, muitos naturalistas estrangeiros no Brasil deixaram de perceber uma peculiar forma de representar cenas pertinentes, ver esse novo e estranho mundo com um olhar diferente. Deixar de representar a diversidade e

particularidade da vasta terra brasileira pode ser um sintoma da mentalidade europeia ainda arraigada em muitos deles.

Segundo Naves (1996), talvez Debret não tivesse sido um grande pintor nem aqui e nem na França, apesar de discípulo de Jacques Louis David, o grande pintor da Revolução Francesa. Entretanto, o esforço para fazer uma linguagem que incorporasse certos traços da sociabilidade brasileira supõe uma noção de forma complexa.

Registrar lugares, suas texturas, seus corpos e principalmente sua complexidade, ao abandonar cânones preestabelecidos, essa foi a lição de Debret e outros naturalistas: como Burchell em sua relação com barroco desprezioso e digno das pequenas cidades do Goyaz; de Henry Bates em suas aventuras registradas em desenhos de 1859 pela floresta amazônica e até mesmo os panoramas cariocas de Guilherme Thoremim.

William John Burchell, documentado por Gilberto Ferrez, em 1981 (FERREZ, 1981,p.9) apresenta Burchell, como inglês, artista e que nas palavras deles “[...] transitava com igual desenvoltura nos domínios da ciência e das artes, botânico por formação, pintor e desenhista [...]” e por aproximadamente 5 anos, Burchel viajou e conheceu parte do Brasil, com registros por meio de desenhos naturalistas do Rio de Janeiro, Paraíba do Sul, Santos, São Paulo, Goiás velha e Belém do Pará, bem como os trajetos a cada uma dessas cidades.

Desenhos naturalistas que perceberam um Brasil sem ambições europeias, uma nação ainda em sua infância, telúrica e digna de seu papel. Expressões dos habitantes de terras colonizadas e feições ainda presentes em ruas, avenidas e arquiteturas da contemporaneidade, o valor de todo um patrimônio em formação registrado.

Os desenhos e pinturas dos artistas aqui apresentados são hoje documentos do passado, como reafirma Oliveira (2018, p.11) citando Langlois e Seingnonos (1946) e Henri-Irenee Marrou(1978) sobre “a importância dos documentos históricos para a produção do conhecimento.”

Ainda e apesar de Oliveira (2018) declarar que “[...] o documento deixou de ser visto como fiador da verdade sobre o passado, mas sim como uma leitura sobre uma determinada época”. O estudo aqui descrito tentou abordar o documento como “fiador da verdade”, como também “uma leitura sobre uma determinada época” sobre os desenhos como registro de um passado e que apresenta uma pequena parte da história brasileira.

Toda essa aprendizagem influenciará desenhos brasileiros de jovens como Di Cavalcanti, Portinari, Carybé, Burle Marx, Lucio Costa, Oscar Niemeyer e outros.

Os desenhistas de rua contemporâneos, sobre a prática *Urban Sketcher*

O termo urban sketchers define a comunidade global de artistas que utilizam o desenho de observação como prática para registrar onde vivem ou para onde viajam. E foi o jornalista Gabriel Campanário quem iniciou o movimento Urban Sketchers pelo Flickr, em 2007. Em 2009, Campanário estabeleceu Urban Sketchers como uma organização sem fins lucrativos. Logo, o lema do USK é “Mostramos o mundo, um desenho de cada vez”.

Mas sem dúvida tal fenômeno de “desenhistas de rua” não é um fato novo como o próprio ensaio mostra. O que talvez transforme esse movimento em “novo” e “intrigante” é a rede de comunicação contemporânea via comunidades virtuais que conectam desenhistas de todo o Brasil e de todo o planeta.

Os naturalistas do século XIX jamais poderiam imaginar desenhos de paisagens vistas em frações de segundos, cidade, florestas e aldeias compartilhadas, curtidas, comentadas amadas e até ignoradas. O USK além de seus encontros regionais, nacionais e internacionais que reúnem presencialmente várias pessoas e constroem laços de amizade e principalmente de troca de ensinamentos e experiências, contribuem para o compartilhamento de imagens via internet dos lugares significativos, cotidianos e inusitados de cidades do mundo inteiro, e porque não dizer, o patrimônio urbano.

O verdadeiro urban sketchers necessariamente deve compartilhar seu trabalho, postar nas redes sociais, ou seja, um museu ou arquivo contemporâneo. Tal iniciativa constrói uma rede de informações de cidades e objetivamente um registro cultural do patrimônio urbano mundial e no nosso caso, brasileiro.

Mas antes de discutirmos a definição de “patrimônio”, seria importante falar do meio para chegar a um fim designado como desenhos ou registros, os desenhistas urbanos ou na definição internacional urban sketchers.

Esse ato de desenhar na rua é de um caminhante ou, na definição de Walter Benjamin funda mentada na poesia de Boudelaire, o flâner, um tipo literário do século XIX, na França, essencial para qualquer imagem das ruas de Paris.

O próprio século XIX foi o campo do caminhante, vadio ou observador. Um período marcado por importantes artistas que transformaram antigos cânones e influenciaram visões contemporâneas. Os impressionistas celebraram a vida urbana de Paris, pinturas em almoços no rio Sena, as várias estações da Notre Dame de Monet, o equilíbrio e impressão imediata das bailarinas de Edgar Degas ou a Champs Élysées de Pissaro.

Contemporâneo a todo esse movimento, mas revolucionário em sua representação de uma nova realidade ou cena, Van Gogh registra sua Holanda campesina e o orgulho do trabalho do sofrido agricultor, assim como, influenciado pelos artistas alternativos da Paris cosmopolita visita a região da Provence para sua experiência de cores e movimento. Esse mesmo desejo de experimentar um novo mundo, também contamina a obra de Gauguin ao deixar a já desgastada capital francesa em busca de um mundo desconhecido nas suas mulatas e cenas da longínqua viagem ao Taiti.

O jovem Le Corbusier, influenciado pelo escrito “Oração na Acrópole” de Ernest Renan de 1883, faz sua viagem ao Oriente em 1925, disposto a execução de uma narrativa escrita, assim como, desenhada. Le Corbusier relata a verdade na arquitetura residencial de Pompéia, desenha as pitorescas casas búlgaras, mas também critica a pretensão à Paris da Cidade de Viena, desenha a escala monumental da Santa Sofia

e por fim chega à sonhada Acrópole de Atenas e lá, assim como, Ernest Renan faz sua oração e inicia a construção de seu mundo moderno.

Outros jovens arquitetos também seguirão o exemplo do mestre franco-suíço: Louis Kahn passa um ano no velho mundo a registrar pirâmides, palácio, praças medievais e muros, pois lá estão a luz e a sombra que sua arquitetura lançará como grande contribuição aos jovens arquitetos; Alvar Aalto a partir de desenhos de viagens defende sua teoria da implantação da arquitetura; Lucio Costa faz um extenso documento desenhado do barroco brasileiro e finaliza sua pesquisa em terras portuguesas para concluir que o Brasil necessitará de sua própria arquitetura nacional.

Um dos últimos grandes pensamentos sobre o caminhar e seu necessário registro, talvez tenha sido abordado pelos jovens situacionistas de meados do século XX, na Paris modelada pelo Barão Hausmann; Guy Debord, Michele Bernstein, Constant Nieuwenhuys, Ralph Rumney e outros, estabeleceram o chamado urbanismo unitário tendo seu principal ato fundamentado no homem situacionista, aquele que possuiu uma percepção da cidade livre da sociedade capitalista e do espetáculo, o homem na situação da deriva, um caminhante ao modelo do flâneur de Baudelaire e Walter Benjamin.

A psicogeografia inglesa, uma das correntes formadoras do grupo situacionista, representada pela figura do artista plástico Ralph Rumney, foi sem dúvida o pilar das ideias situacionistas. Para Rumney caminhar na cidade por si já era um ato revolucionário e político, abordado por ele em suas colagens de cenas da velha cidade de Veneza na Itália. Tal fundamento psicogeográfico relata a exploração dos ambientes urbanos que enfatiza a brincadeira e a deriva.

A deriva e a brincadeira no ato de caminhar pela cidade, práticas já pesquisadas pela filosofia de Johan Huizinga e abordadas na sua obra: Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura, define a cidade como um campo lúdico, ou seja, o campo do jogar, do aprender e do educar. Tal conceito fundamentará as Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino e principalmente a sua obra, Marcovaldo ou as estações na cidade, que

buscam descrever a cidade em sua diversidade e o homem livre de sua alienação capitalista pronto a usufruir dessa diversidade.

Urban Sketchers à deriva e o patrimônio registrado

Pode-se definir como Patrimônio Histórico Cultural um bem preservado, que possui valor inestimável para a identidade de um povo, comunidade ou região. No caso de perceber os lugares e registrá-los a partir da prática dos urban sketchers parece que no primeiro momento o conceito de patrimônio material que na verdade são bens concretos e com durabilidade considerável, coloca-se como o objeto principal para o urban sketchers.

Na verdade, se considerarmos a prática da psicogeografia não podemos desconsiderar em hipótese alguma o lado comportamental, espiritual e emocional de um espaço e muito menos do povo que habita esse espaço. Logo, o patrimônio imaterial também é matéria prima da prática de um desenhista. Urban sketchers escrevem em seus cadernos, relatam um momento, colam imagens e emocionam em suas representações. O importante é relatar a situação de um momento material e imaterial.

Qualquer lugar é um ato histórico, toda cidade tem sua história e desenhar é contar histórias. As histórias sejam elas materiais ou imateriais identificam-nos como pessoas e como cidadãos, identificam nossa escala, nossa dimensão e principalmente nosso ato de pertencimento.

Pertencimento independe do tempo em determinado local, pode ser a nossa cidade ou a cidade que estamos a visitar. Quando conseguimos perceber e comunicar o que desenhamos, desenvolvemos automaticamente um senso de pertencimento ao lugar. Foi essa lição deixada pelos naturalistas do século XIX no Brasil e sua contribuição ao patrimônio cultural

Debret além dos panoramas do Rio de Janeiro Imperial desenvolveu uma fascinante comunicação com o Brasil escravocrata, apesar da escravidão registrada e suas mazelas, também reside um comprometimento com a cultura africana, suas

danças, músicas, cores, vestuários e culinária. Burchell retratou sem pretensões a digna construção das pontes da pequena aldeia goiana de Pirenópolis, a Igreja da Boa Morte, em Goyaz e a vida do cerrado brasileiro. Rugendas, por fim, teve o comprometimento no diálogo representativo com a cultura indígena e seus costumes.

Um pouco de naturalistas, de impressionistas, de flaneurs e situacionistas. Na verdade, os urban sketchers são parte de tudo isso somado a uma contemporaneidade do espetáculo e da comunicação instantânea. A internet e as redes sociais distribuem hoje o patrimônio cultural em suas imagens para que possa ser degustado numa velocidade rápida e talvez com pouco tempo para uma contemplação mais refinada. Hoje, a cidade se transforma numa velocidade muito mais rápida, urban sketchers são importantes para divulgação desse patrimônio ambiental na velocidade que o seu tempo exige.

Entretanto, tudo se transforma e tudo é efêmero, cada lugar tem sua identidade, sua orientabilidade e senso de pertencimento. Patrimônio são palácios, castelos, praças, cidades coloniais? Patrimônio é tudo aquilo que nos propusemos a representar e contar como história. Os urban sketchers são os naturalistas de uma contemporaneidade que logo mudará. O que temos certeza é que nada é permanente, nem o conceito do que seja patrimônio e muito menos nossas certezas.

E essa é contribuição dos autores, ao falar da documentação, resgate e valorização do patrimônio, incluindo o pertencimento à cidade por meio de seus sketches, como nas Figuras 14, 15, 16, 17, 18 e 19, apresentadas pelos autores sobre a cidade de Brasília.

Figura 14 - Vista da Cúria, Catedral de Brasília com seu campanário, construída entre 1959 e 1970, os sinos do campanário, onde seus sinos foram doados pelo governo espanhol. Ao fundo o conjunto de edifícios do Setor de Autarquias Sul (SAS) e o Museu Nacional da República Honestino Guimarães, concluído em 2006. Em um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF em 2018.



Fonte: Kallas, 2019.

Figura 15 - Congresso com o Senado e parte da Câmara dos deputados, juntamente com o Palácio do Itamaraty e parte do jardim externo de elaborado por Burle Marx, os cuidados de vegetação inserida no espelho d'água é realizado por um jardineiro em barco pequeno. E a presença dos postes sem fiação aérea. Em um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF.



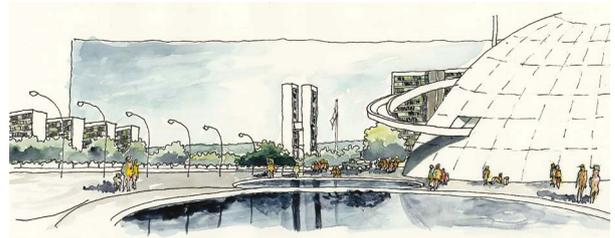
Fonte: Luana Kallas, 2019.

Figura 16 - Vista da Catedral de Brasília, destacando o campanário de 4 sinos à frente e ao fundo a cúria e um dos edifícios que ocupava à época o Ministério do Esporte. Em um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF, no período da tarde, onde foi observado a gama de cores e os reflexos da luz do entardecer.



Desenho: Juan Guillen, 2018.

Figura 17 - Parte da esplanada dos ministérios, os postes típicos da Capital Federal e parte do Museu Nacional - concluído em 2006- projetado por Oscar Niemeyer, no Setor Cultural Sul (SCS), sendo a proposta urbanística de Lucio Costa. Desenho realizado no desfile do 7 de setembro e onde fora marcado um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF.



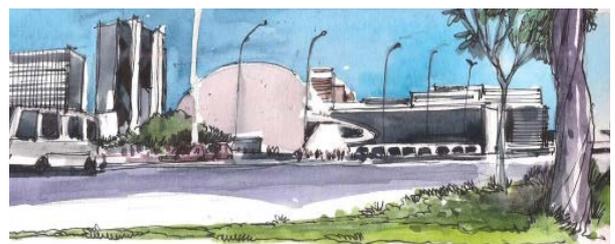
Desenho: Juan Guillen, 2018.

Figura 18 - Vista da Catedral de Brasília e o Complexo Cultural da República Honestino Guimarães, com Museu Nacional da República e Biblioteca Nacional e o Setor de Autarquias Sul (SAS) e parte do Setor Bancário Sul (SBS) ao fundo. Em um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF.



Desenho: Eliel Américo Silva, 2018.

Figura 19 - Vista do Setor Bancário à esquerda, o Museu Nacional da República e a Biblioteca Nacional, uma parte do CONIC (Setor de Diversões Sul- SDS) e a Torre de TV de Lucio Costa. Em um dos encontros do Urban Sketcher Brasília/DF.



Desenho: Eliel Américo Silva, 2019.

Nesse sentido, uma pesquisa empírica foi realizada baseada no referencial teórico apresentado sobre o patrimônio, documentação e valorização por meio de sketches e como forma de educação patrimonial. Dessa forma, são apresentados o levantamento empírico, os resultados e a discussão levantada em torno da hipótese os sketches se eles são uma forma de resgate, valorização e documentação do patrimônio arquitetônico e urbanístico contribuindo para a consciência de uma herança cultural e uma educação patrimonial, para se alcançar o objetivo proposto.

Levantamento

A partir do referencial teórico, elaborou-se, aplicou-se e sistematizou-se um questionário com base empírica, pelo *Google Forms* na tentativa de responder ao problema, comprovar a hipótese e atingir o objetivo.

Nesse sentido, o questionário foi desenvolvido com a seguinte classificação de perguntas: Contextualização dos desenhistas urbanos no território; a ocupação (profissional e/ou estudantil) para definir o perfil dos respondentes; sobre o desenho e sua prática; sobre o conhecimento relativo ao patrimônio; e a relação do Desenho x Patrimônio.

Dessa classificação foram distribuídas onze perguntas elaboradas, distribuídas, das quais apenas duas foram para respostas livres ou abertas, a de número 7 e a de número 11, e as demais de múltipla escolha. As perguntas estão listadas e classificadas no Quadro 1.

Esse Questionário foi aplicado, exclusivamente, de forma remota e online, em dois grupos: o primeiro grupo, na comunidade de desenhistas da rede social *facebook Urban SKetchers Brasil*⁸; e o segundo grupo, ainda nas redes sociais *facebook/*

8 O questionário ficou aberto a receber respostas em um período de 7 dias, do dia 21 ao dia 28 de julho de 2020, onde foi constatado o número total de 9300 membros no dia 24 de julho de 2020.

Instagram de forma ampla e aberta para qualquer pessoa que tivesse interesse em responder, e que não necessariamente participasse de um grupo de desenho.

Quadro 1 - Perguntas elaboradas, sua classificação e tipo de resposta solicitada.

Classificação do respondente	Perguntas	Tipo de resposta
Contextualização Territorial no Brasil	1. Em qual unidade federativa você vive?	Múltipla escolha
Ocupação do respondente	2. Na vida profissional e/ou estudantil, você é?	Múltipla escolha e complementar
Sobre o desenho e sua prática	3. Você gosta de desenhar?	Múltipla escolha (sim e não)
	4. Você faz desenhos urbanos com constância?	Múltipla escolha (sim e não)
	5. Você participa de algum grupo de desenho?	Múltipla escolha (sim e não)
Sobre o conhecimento relativo ao patrimônio	6. Você sabe o que é patrimônio?	Múltipla escolha (sim, não, talvez)
	7. Por favor, comente com suas palavras o que você entende por patrimônio.	Resposta livre
	8. Você acredita no resgate e na valorização do patrimônio arquitetônico e urbanístico?	Múltipla escolha (sim e não)
Relação Desenho X Patrimônio	9. Você acredita que os Sketches (desenhos, esboços, croquis, etc.) podem resgatar e valorizar o patrimônio arquitetônico e urbanístico?	Múltipla escolha (Sim e não)
	10. Você acredita que a prática do desenho urbano fez você olhar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de outra forma?	Múltipla escolha (Sim e não)
	11. Por favor, explique como você acredita que a prática dos desenhos urbano (os sketches de rua) fez você olhar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de outra forma.	Resposta livre

Fonte: Elaborado pelos autores.2020.

O total foi de 104 questionários respondidos e validados, dessa forma, classificamos os questionários respondidos em apenas 2 grupos: os que participam de um grupo de desenho, doravante grupo 1; e aqueles que não participam de grupo de desenho, doravante grupo 2.

O motivo para essa separação (em dois grupos) é que aqueles que responderam outro para a questão 5, podem ter assinalado essa opção por não existir a opção não participam de algum grupo de desenho, assim para não ter equívoco nas análises, pois é baseado na percepção de desenhistas, as análises desses foi realizada separadamente.

Resultados e discussão

O questionário, embora aberto para receber respostas no período de 7 dias, recebeu 80 respostas nas primeiras 24h, chegando a um total de 100 em 48h, e no fim dos 7 dias recebeu o total de 113 questionários respondidos, dos quais somente 104 foram validadas, e 9 questionários foram excluídos por se tratarem de duplicidades. A dinâmica das respostas está relacionada ao tempo em que a publicação é vista, sendo necessária, uma constância em sua divulgação, talvez houvesse mais respostas, caso fosse postado nos horários de maior engajamento¹ nas redes sociais.

As respostas sem indução (descrita nas perguntas) permitiu que as pessoas sem formação na área de patrimônio respondessem de forma sincera as perguntas e aqueles que possuísem conhecimento e/ou tivessem formação na área não afetariam o resultado. Veja no Quadro 2, para cada pergunta, as respostas foram compiladas e apresentadas graficamente no Quadro 2 a seguir:

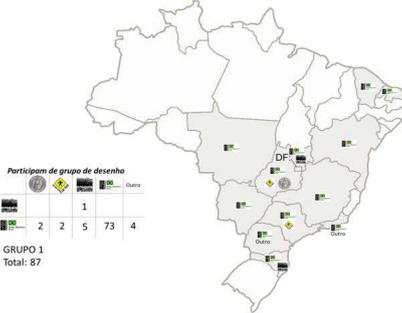
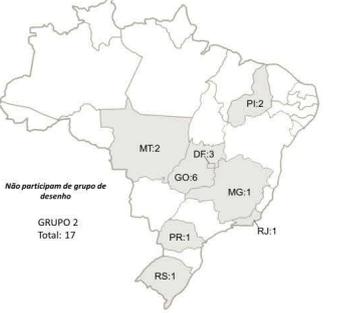
31

Quadro 2 - Respostas sistematizadas questionário aplicado em julho de 2020.

	Respostas do GRUPO 1 (que participam de algum grupo de desenho)	Respostas do GRUPO 2 (que responderam não ou outro para se participam de algum grupo de desenho)																																
1. Em qual unidade federativa você vive?	<p>GRUPO 1 Total: 87</p>	<p>GRUPO 2 Total: 17</p>																																
2. Na vida profissional e/ou estudantil, você é?	<table border="0"> <tr> <td> Advocacia</td> <td>1</td> <td> Professores de línguas e ensino superior e ensino básico</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td> Comunicação, sistema autônomo</td> <td>2</td> <td> Estudantes ensino superior</td> <td>6</td> </tr> <tr> <td> Engenharia, Agenciadora, Consultoria Ambiental</td> <td>2</td> <td> Designer</td> <td>8</td> </tr> <tr> <td> Social</td> <td>3</td> <td> Artistas e Artesãos</td> <td>22</td> </tr> <tr> <td> Administração</td> <td>3</td> <td> Arquiteto e Urbanista</td> <td>36</td> </tr> </table> <p>GRUPO 1 - TOTAL : 87</p>	Advocacia	1	Professores de línguas e ensino superior e ensino básico	4	Comunicação, sistema autônomo	2	Estudantes ensino superior	6	Engenharia, Agenciadora, Consultoria Ambiental	2	Designer	8	Social	3	Artistas e Artesãos	22	Administração	3	Arquiteto e Urbanista	36	<table border="0"> <tr> <td> Estilista</td> <td>1</td> <td> Administração</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td> Estudantes ensino superior</td> <td>1</td> <td> Artistas/ Produtor cultural</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td> Professores de línguas e ensino superior (Artista/Designer)</td> <td>2</td> <td> Arquiteto e Urbanista</td> <td>9</td> </tr> </table> <p>GRUPO 2 - TOTAL : 17</p>	Estilista	1	Administração	1	Estudantes ensino superior	1	Artistas/ Produtor cultural	3	Professores de línguas e ensino superior (Artista/Designer)	2	Arquiteto e Urbanista	9
Advocacia	1	Professores de línguas e ensino superior e ensino básico	4																															
Comunicação, sistema autônomo	2	Estudantes ensino superior	6																															
Engenharia, Agenciadora, Consultoria Ambiental	2	Designer	8																															
Social	3	Artistas e Artesãos	22																															
Administração	3	Arquiteto e Urbanista	36																															
Estilista	1	Administração	1																															
Estudantes ensino superior	1	Artistas/ Produtor cultural	3																															
Professores de línguas e ensino superior (Artista/Designer)	2	Arquiteto e Urbanista	9																															

9 Seriam horários-chave para que as pessoas interessadas (público – alvo do questionário) pudessem visualizar a publicação e dessa forma estarem mais propensas a interagirem com os conteúdos publicados nas redes sociais.

Continuação Quadro 2 ...

3. Você gosta de desenhar?	 <p>GRUPO 1 - TOTAL : 89</p>	 <p>GRUPO 2 - TOTAL : 17</p>																												
4. Você faz desenhos urbanos com constância?	<p>Você faz desenhos urbanos com constância?</p> <p>NÃO 7</p> <p>MENOS QUE EU GOSTARIA 41</p> <p>SIM 39</p> <p>GRUPO 1 - TOTAL : 87</p>	<p>Você faz desenhos urbanos com constância?</p> <p>NÃO 10</p> <p>MENOS QUE EU GOSTARIA 5</p> <p>SIM 2</p> <p>GRUPO 2 - TOTAL : 17</p>																												
5. Você participa de algum grupo de desenho?																														
6. Você sabe o que é patrimônio?	 <p>✓ Sim: 85 ✗ Não: 2</p> <p>GRUPO 1 - TOTAL: 87</p>	 <p>✓ Sim: 16 ✓ Talvez: 1</p> <p>GRUPO 2 - TOTAL: 17</p>																												
7. Por favor, comente com suas palavras o que você entende por patrimônio.	<table border="1"> <thead> <tr> <th>GRUPO 1</th> <th>TOTAL: 87</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.</td> <td>30</td> </tr> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.</td> <td>24</td> </tr> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>Incompleto não sendo possível sua interpretação</td> <td>26</td> </tr> <tr> <td>Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico</td> <td>2</td> </tr> </tbody> </table>	GRUPO 1	TOTAL: 87	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.	30	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.	24	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial	5	GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)	0	Incompleto não sendo possível sua interpretação	26	Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico	2	<table border="1"> <thead> <tr> <th>GRUPO 2</th> <th>TOTAL: 17</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.</td> <td>7</td> </tr> <tr> <td>Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>Incompleto não sendo possível sua interpretação</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico</td> <td>4</td> </tr> </tbody> </table>	GRUPO 2	TOTAL: 17	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.	3	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.	7	Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial	2	GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)	0	Incompleto não sendo possível sua interpretação	1	Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico	4
GRUPO 1	TOTAL: 87																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.	30																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.	24																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial	5																													
GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)	0																													
Incompleto não sendo possível sua interpretação	26																													
Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico	2																													
GRUPO 2	TOTAL: 17																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo CONFERÊNCIA UNESCO 1972, o que exclui o patrimônio imaterial, a ideia de pertencimento e identidade.	3																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro da Definição de patrimônio segundo Artº 216 , CF 1988, excluindo a ideia de pertencimento.	7																													
Responderam de forma resumida, sendo possível identificar dentro do Conceito de patrimônio segundo FGV-CPDOC, excluindo o patrimônio imaterial	2																													
GROUP-CONSEIL (2000, citado por POULOT, citado por CHUVA, 2012, p.32), Ferreira (2006, p.79) e Lemos (2010, p.4)	0																													
Incompleto não sendo possível sua interpretação	1																													
Ficou fora das definições da conceituação e aporte teórico	4																													

Continuação Quadro 2 ...

<p>8. Você acredita no resgate e na valorização do patrimônio arquitetônico e urbanístico?</p>	 <p>RESGATE E VALORIZAÇÃO</p> <p>✓ Sim: 85 ✗ Não:2</p> <p>GRUPO 1 - TOTAL: 87</p>	 <p>RESGATE E VALORIZAÇÃO</p> <p>✓ Sim:17</p> <p>GRUPO 2 - TOTAL: 17</p>																																						
<p>9. Você acredita que os Sketches podem resgatar e valorizar o patrimônio ?</p>	 <p>RESGATE E VALORIZAÇÃO</p> <p>✓ Sim: 83 ✗ Não:2</p> <p>GRUPO 1 - TOTAL: 87</p>	 <p>RESGATE E VALORIZAÇÃO</p> <p>✓ Sim:17</p> <p>GRUPO 2 - TOTAL: 17</p>																																						
<p>10. Você acredita que a prática do desenho urbano fez você olhar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de outra forma?</p>	 <p>✓ Sim: 83 ✗ Não:4</p> <p>GRUPO 1 - TOTAL: 87</p>	 <p>✓ Sim: 16 ✗ Não:1</p> <p>GRUPO 2 - TOTAL: 17</p>																																						
<p>11. Por favor, explique como você acredita que a prática dos desenhos urbanos fez você olhar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de outra forma.</p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">GRUPO 1</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Valor nacional (Segundo Choay)</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>Valor cognitivo (Segundo Choay)</td> <td>31</td> </tr> <tr> <td>Valor econômico (Segundo Choay)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>valor artístico (Segundo Choay)</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares</td> <td>15</td> </tr> <tr> <td>Resgate</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>Chama a atenção do público para o patrimônio</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>Percebe-se detalhes antes não observados</td> <td>30</td> </tr> <tr> <td>Não mudou</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>Resposta insuficiente para descrição</td> <td>11</td> </tr> </tbody> </table>	GRUPO 1		Valor nacional (Segundo Choay)	1	Valor cognitivo (Segundo Choay)	31	Valor econômico (Segundo Choay)	0	valor artístico (Segundo Choay)	10	Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares	15	Resgate	2	Chama a atenção do público para o patrimônio	3	Percebe-se detalhes antes não observados	30	Não mudou	3	Resposta insuficiente para descrição	11	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">GRUPO 2</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Valor nacional (Segundo Choay)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>Valor cognitivo (Segundo Choay)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>Valor econômico (Segundo Choay)</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>Valor artístico (Segundo Choay)</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Percebe-se detalhes antes não observados</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Resposta insuficiente para descrição</td> <td>5</td> </tr> </tbody> </table>	GRUPO 2		Valor nacional (Segundo Choay)	0	Valor cognitivo (Segundo Choay)	0	Valor econômico (Segundo Choay)	0	Valor artístico (Segundo Choay)	4	Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares	4	Percebe-se detalhes antes não observados	4	Resposta insuficiente para descrição	5
GRUPO 1																																								
Valor nacional (Segundo Choay)	1																																							
Valor cognitivo (Segundo Choay)	31																																							
Valor econômico (Segundo Choay)	0																																							
valor artístico (Segundo Choay)	10																																							
Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares	15																																							
Resgate	2																																							
Chama a atenção do público para o patrimônio	3																																							
Percebe-se detalhes antes não observados	30																																							
Não mudou	3																																							
Resposta insuficiente para descrição	11																																							
GRUPO 2																																								
Valor nacional (Segundo Choay)	0																																							
Valor cognitivo (Segundo Choay)	0																																							
Valor econômico (Segundo Choay)	0																																							
Valor artístico (Segundo Choay)	4																																							
Pertencimento e Relação afetiva, com o patrimônio, com a cidade e os lugares	4																																							
Percebe-se detalhes antes não observados	4																																							
Resposta insuficiente para descrição	5																																							

Fonte: respostas sistematizadas do questionário aplicado pelos autores, 2020.

Nos resultados, os respondentes estão concentrados em quatro das cinco regiões na ordem: [Grupo1] Sudeste (34); Sul (26); Centro-oeste (22); e Nordeste (5). [Grupo 2] Centro-oeste (11); Sudeste (2), Sul (2) e Nordeste (2). A região norte como visto não houve respondentes ao questionário.

Dos respondentes, tem-se que as maiores ocupações nos 2 grupos em ordem são: arquitetos e urbanistas, seguidos de designer, artistas, artesãos e produtor cultural, estudantes, professores, administradores, pessoal da área da saúde, engenheiros, comunicadores visuais, advogados e estilistas.

Sobre a terceira questão, referente a gostar de desenhar dentro o grupo 1 e 2, apenas uma pessoa disse que não gosta de desenhar, sendo essa parte do grupo 1, ou seja, faz parte de um grupo de desenho.

Sobre a constância de desenhar, em ambos os grupos, a maioria indica que ou não desenha ou desenha menos que gostaria, apesar de 39 das 87 pessoas do grupo indicarem que desenhavam com constância.

Sobre a participação em grupo de desenho, no grupo 1 são 87 participantes de grupo de desenhos, sendo que 73 participam somente do grupo Urban Sketchers, 2 do Urban Sketchers e Goiânia em traços, 2 do Urban Sketchers e dos Desenhadores de rua, 5 do Urban Sketchers e Croquis urbanos e 4 do Urban Sketchers e outro grupo. O grupo 2 não participa de grupo de desenho.

Os desenhistas de grupo de desenho, mesmo aqueles que não possuem formação na área, tem uma noção sobre o que é patrimônio, mesmo que não descrito conforme os autores apresentados, mas que se encaixam em suas conceituações ou definições, de forma resumida. Além disso, as respostas apontaram uma abordagem sobre o enfoque do Patrimônio Histórico e Cultural conforme conceituação adotada neste artigo, como pode ser visto na Figura 20 onde apresenta palavras que foram mais citadas pelos entrevistados, configurando patrimônio como bens materiais e imateriais que possuem história e representam algo para a comunidade.

obter comentários de conhecidos relatando suas experiências/memórias relacionadas ao local retratado. [...]

(artista, sic)

Conclusão

Os relatos das respostas da questão 11 citados demonstram a importância do desenho como forma de resgate e valorização do patrimônio, além de ser, conforme o referencial teórico, uma forma de documentação ao registrar o patrimônio da cidade, realizando a documentação de forma aparente, pela perspectiva de observação. Além disso, é uma forma de ensino, informação, promoção e proteção desses bens, resgatando-os do abandono por meio do registro, podendo ainda resultar em denúncias públicas sobre o estado do bem material que for tombado, que deve ser preservado pelo Estado.

Diante do exposto e na busca por responder ao problema assinalado na introdução, na comprovação da hipótese e para atender ao objetivo pode-se afirmar que sim, o desenho de observação na rua é uma forma de valorizar, resgatar o patrimônio, pelo entendimento sobre o patrimônio histórico e cultural. Assim como, pela definição de documento abordado que contribui para a formação do cidadão, possibilitando um registro de um momento da história, propiciando o saber histórico, criando a noção de valor histórico e cultural, e gerando possibilidades para a preservação e conservação, como também é uma ferramenta para a educação patrimonial e que valoriza e resgata o patrimônio por meio da documentação por sketches.

Dessa forma, e como recomendações aqui apresentadas como uma espécie de protocolo para documentar o patrimônio por meio dos sketches, propiciando o resgate e a valorização cidadã do patrimônio arquitetônico e urbanístico, como:

A prática da documentação por sketches pode ser utilizada pelo cidadão, habitante ou visitante do lugar, independente de sua formação, em um processo mais democrático, e que deve vir associado com um breve guia de conhecimento sobre

o lugar desenhado, promovendo o saber histórico, bem como uma análise crítica, inculcando a consciência historial patrimonial em cada um.

Dessa forma, próximo ao desenho, deve haver uma descrição, parecido com a proposta dos Urban Sketchers, no entanto, a descrição é sobre o patrimônio em questão, descrevendo características construtivas, anedotas sobre a obra ou seus antigos ocupantes, a fim de melhor assimilar o conhecimento histórico e a criação de uma consciência patrimonial.

Além disso, é necessário que a prática dos sketches seja utilizada como educação patrimonial nas escolas da educação básica, em pelo menos duas das três faixas da educação básica, guardando as devidas proporções de cognição: a educação infantil, promovendo o saber histórico desde o início; e o ensino fundamental, possibilitando a cognição desse saber histórico e criando um valor crítico sobre o patrimônio, para formar cidadãos conhecedores de sua história.

38

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. L. de. **A Documentação Digital do Patrimônio Construído: Possibilidades e Desafios**. ENANPARQ. 2010.
- AMORIM, A. L. de; CHUDAK, D. **Patrimônio histórico digital: documentação do Pelourinho, Salvador - Bahia, Brazil, com tecnologia 3D Laser Scanning**. SIGRADI. 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução Irene Aron. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.
- BNdigital. **Alexandre Rodrigues Ferreira**. 2020. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/alexandre-rodrigues-ferreira/sobre-alexandre-rodrigues-ferreira/>. Acesso em: 28 de set., 2020.
- BOQUEIRÃO do Sítio da Pedra Furada - Circuito do Sítio do Meio localizado na parte Sul do Parque. In: Fundação Museu do Homem Americano – Fumdham .Arquivo **FUMDHAM** e André Pessoa, 2020. Disponível: <http://fumdham.org.br/midias/midias-fotos/>. Acesso em: 28 set.2020.
- BOUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor e a vida moderna/Charles Boudelaire; [organizador Teixeira Coelho]**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

BOTICA . In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1589/botica>>. Acesso em: 14 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. Acervo: Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ) ISBN: 978-85-7979-060-7

CASARIO . In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61586/casario>>. Acesso em: 13 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. Acervo: Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ) ISBN: 978-85-7979-060-7

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 1999. (70 Arte e Comunicação). Tradução: Teresa Castro.

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

CHUVA, M. (org.) História e Patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** nº 34 / 2012.

CONFERÊNCIA Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em : 26 set.2020.

DANÇARINOS com pele de leopardo. Imagem datada em 6.000aC. **Domínio Público**. 2020. Disponível: <[a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chatal_H%C3%BCy%C3%BCK,_dancers_with_leopard_skins,_6000_BC.jpg" title="através da wiki Wikimedia Commons">https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chatal_H%C3%BCy%C3%BCK,_dancers_with_leopard_skins,_6000_BC.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chatal_H%C3%BCy%C3%BCK,_dancers_with_leopard_skins,_6000_BC.jpg)> / Public domain. Acesso em: 28 set.2020.

ENGENHO de Açúcar. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24413/engenh-de-acucar>. Acesso em: 28 de Set. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

ENGENHO MANUALque Faz Caldo de Cana. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61279/engenh-manual-que-faz-caldo-de-cana>>. Acesso em: 14 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. Acervo: Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ)ISBN: 978-85-7979-060-7

FERREIRA, M. L. M. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FERREZ, Gilberto (org.). **O Brasil do primeiro Reinado visto pelo botânico William Hohn Bursshell 1825/1829**. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Sales: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

FGV – CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.s/d . In: FGV – CPDOC. **Era Vargas: dos anos 20 a 1945**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN>. Acesso em: 25 set. 2020.

FRANS Post. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9982/frans-post>>. Acesso em: 28 de Set. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GRIGOLETO, M. C. **A Documentação Patrimonial: Gênese e Fluxo dos Processos de Tombamento do Museu “Prudente De Moraes”**. 2009. f. 169 Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília, Unesp – Universidade Estadual Paulista.

IGREJA de São Cosme e São Damião em Igaracu. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14460/igreja-de-sao-cosme-e-sao-damiao-em-igaracu>>. Acesso em: 28 de Set. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

INTERIOR de uma Casa de Ciganos. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61270/interior-de-uma-casa-de-ciganos>>. Acesso em: 14 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. Acervo: Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ)ISBN: 978-85-7979-060-7

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural – detalhe 218**. S/D. Disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 24jul.2020.

JEAN-BAPTISTE Debret. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 14 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JOHN, N. M. Identificação, Valorização e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. In: **Encontro Estadual de História, XI. Anais eletrônicos**. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil. 2012.

KALLAS, Luana. Catedral e Museu da República e a torre de TV. Série “Brasília”. In: **Vitruvius Rabiscos**. 06/04/2019. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/jornal/charges/5277?page=01&cartoonauthor=145&lang=pt>. Acesso em 10.10.2020.

LEMONS, C. A. C. **O que é Patrimônio Histórico?** Editora e Livraria Brasiliense. 2ª edição, 2010.

MENDES, A. R. **O que é Patrimônio Cultural**. Olhão Gente Singular editora. 2012.

OLIVEIRA, M. M. de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008. 144 p. : il. ; 28 cm. – (Cadernos Técnicos ; 7).

PESSIS, Anne-Marie; CISNEIROS, Daniela; MUTZENBERG, Demétrio. Identidades gráficas nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. **Revista Fundamentos**, São Raimundo Nonato, v. , p. 33-54, jan. 2018. Anual. Disponível em: http://fundham.org.br/wp-content/uploads/2019/03/fundham-fundamentos-xv-2018-n-2-_706581.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

PLINY the elder. **The Natural History**. John Bostock, M.D., F.R.S. H.T. Riley, Esq., B.A. London. Taylor and Francis, Red Lion Court, Fleet Street. 1855. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D35%3Achapter%3D1>. Acesso em: 27 set.2020.

PROSPECTO DA CACHOEIRA do Rio Ixié, o qual desagoa no Rio Negro [Iconográfico]. In: **BIBLIOTECA Nacional Digital Brasil**. Rio de Janeiro: BNDigital, 2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1309093/mss1309093.jpg. Acesso em 28 set. 2020.

PROSPECTO DA VILLA do Camotá, e da entrada que fez o Exmo. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, governador e capitão general do Estado, na tarde do dia 19 de janeiro de 1784 [Iconográfico]. In: **BIBLIOTECA Nacional Digital Brasil**. Rio de Janeiro: BNDigital, 2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1309089/mss1309089.jpg. Acesso em 28 set. 2020.

PROSPECTO DO NOVO Lugar das Caldas (a), estabelecido na margem oriental, e no principio da primeira cachoeira do Rio Cauaburys, pelo tenente Marcelino Joseph Cordeiro, com mandante da Fortaleza de S.Gabriel: por ordem imediata do Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, em carta de 27 de julho 1781; não tendo o governador de funto executado até então a primeira ordem, de 17 de dezembro 1773, ao mesmo respeito [Iconográfico] In: **BIBLIOTECA Nacional Digital Brasil**. Rio de Janeiro: BNDigital, 2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1255497.jpg. Acesso em 28 set. 2020.

RECIFE e Itamaracá. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5910/recife-e-itamaraca>>. Acesso em: 28 de Set. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

RIEGL, A. 1858-1905. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem.** Tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel.- 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUBINO, S. Lúcio Costa e o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **REVISTA USP**, São Paulo, n.53, p. 6-17, março/maio 2002.

SENADO FEDERAL **Patrimônio Cultural.** Secretaria de Editoração e Publicações Coordenação de Edições Técnicas. 2014.

SERINHAÉM . In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13173/serinhaem>>. Acesso em: 28 de Set. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

TOMAZ, P. C. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais.** Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII nº 2. ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: out. 2020.

Agradecimentos

À todos os integrantes dos grupos Croquis urbanos, Desenhistas de rua, Goiânia em traços e Urban Sketchers Brasil e aos colegas que responderam ao questionário aplicado em julho de 2020 sobre o resgate e valorização do patrimônio por meio dos sketches.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 05/09/2020

APROVADO EM: 02/10/2020

PUBLICADO EM: 09/11/2020